

# JULIANO CÉSAR E A CONSTRUÇÃO DE SEU CONCEITO DE AMIZADE ENTRE A FILOSOFIA NEOPLATÔNICA E AS PRÁTICAS MILITARES (355 – 361 D.C.)<sup>\*</sup>

Margarida Maria de Carvalho<sup>\*\*</sup>

Larissa Rodrigues Alves<sup>\*\*\*</sup>

**Resumo:** *Intentamos, no presente artigo, desenvolver algumas atitudes de Juliano enquanto César de Constâncio II, contexto esse bem menos pesquisado do que a sua fase como imperador. Desse modo, chamou-nos a atenção a maneira como Juliano lidou com suas tropas militares na região da Gália, ao ponto de ser proclamado imperador ainda no governo de Constâncio II. Ao mesmo tempo, quando lemos suas cartas como César, verificamos seus intensos sentimentos de amizade para com seus destinatários. Formulamos a hipótese, então, de que, ao escrever o Panegírico em honra ao imperador Constâncio II, Juliano fez, em vários momentos, uma projeção de si mesmo ao relatar as virtudes por ele valorizadas. Logo, temos como objetivo analisar algumas seções desse discurso associadas às suas missivas enquanto César, para delinear seu conceito de amizade. Essa concepção, nunca trabalhada até os dias de hoje, é de extrema importância para a historiografia e para o professor Guarinello, a quem estamos dedicando este artigo.*

**Palavras-chave:** *Antiguidade Tardia; imperador Juliano; neoplatonismo; tropas militares; amizade.*

---

\* Recebido em: 20/10/2020 e aprovado em: 15/12/2020.

\*\* Professora doutora MS3-2 do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Unesp/Franca. Coordenadora do Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (G. Leir) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq-2. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2558-4834>. E-mail: margarida.carvalho@unesp.br.

\*\*\* Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da Unesp. Bolsista Fapesp, processo número: 2020/05378-5. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3923-8556>. E-mail: larissa.r.alves@unesp.br.

## JULIAN CAESAR AND THE CONSTRUCTION OF HIS CONCEPT OF FRIENDSHIP BETWEEN NEOPLATONIC PHILOSOPHY AND MILITARY PRACTICES (355 – 361 AD)

**Abstract:** *Our intention in this article is to develop some attitudes of Julian as Caesar of Constantius II. This context is much less researched than his phase as Emperor. In this way, we analyze how Julian handled with his military troops in the region of Gaul, to the point of being proclaimed Emperor under the government of Constantius II. At the same time, when we read his letters as Caesar; we see the intense presence of his feelings of friendship towards his destinaries. We hypothesize, then, that when he wrote the Panegyric in honor of Emperor Constantius II, Julian made a projection of himself, at various times, in reporting the virtues he valued. Therefore, we aim to analyze some sessions of this speech associated with his missives as Caesar, to outline his concept of friendship. This conception has never been studied until today and it's extremely important for the historiography and for whom we are dedicating this article.*

**Key words:** *Late Antiquity; Emperor Julian; Neoplatonism; military troops; friendship.*

*Ao nosso querido amigo Norberto Luiz Guarinello, grande mestre, orientador e orador, dedicamos este artigo como prova de nossa amizade.*

*Minha atividade como historiador da Antiguidade, por outro lado, pôs-me em contato com uma tradição multimilenar de transmissão, comentário e crítica de textos, uma tradição que se enriqueceu e se encorpou desde Homero. Com uma memória poderosa e resistente, que me permite abrir as portas de um passado longínquo, para tentar entendê-lo no e para o presente.*

(GUARINELLO, 1994)

### Considerações preliminares

Ao nos dedicarmos aos estudos sobre o imperador Juliano, vislumbramos inúmeros aspectos de análise, devido à riqueza de sua produção textual: epístolas, panegíricos, sátiras, hinos, discurso de consolação, leis e poemas. Tudo isso indica o quanto podemos reconstituir a sua memória como César e Augusto. Nosso intuito, neste texto, é descortinar o passado de Juliano por meio de suas próprias palavras, na tentativa de compreendermos um sentimento fraterno tão ausente na contemporaneidade.

Assim, faremos uma apresentação das documentações nas quais podemos analisar o seu sentimento de amizade e as virtudes que ele valorizava:

as missivas por ele escritas enquanto César, seu *Panegírico em honra ao imperador Constâncio II*, e sua *Carta para Temístio, o filósofo*. Essa documentação transmite informações valiosas de seu período como César. Lembremos que Juliano praticamente saiu da Escola Filosófica de Atenas para lutar contra os francos e os alamanos, no ano de 355 d.C. Durante aproximadamente seis meses, ele permaneceu na companhia de Constâncio II, participando de alguns treinos e batalhas militares. Era, porém, considerado muito inexperiente para um bom militar e administrador. No entanto, teve grande sucesso contra esses povos, especialmente a partir de meados de 356 d.C., longe da supervisão direta de Constâncio II, e ganhou a confiança de suas tropas, que o aclamaram imperador. Temos como hipótese que Juliano adquiriu a simpatia dessas tropas por meio de seu sentimento de amizade e solidariedade, o que é visível nas cartas e, indiretamente, em seu primeiro panegírico a Constâncio II. Tais episódios serão interpretados ao longo deste artigo.

## **Sobre as documentações textuais utilizadas**

Começamos pelas missivas escritas por Juliano, cuja quantidade é abundante. Elas são organizadas cronologicamente, portanto, separadas em duas fases: as da sua época como César (355-360 d.C.) e como imperador (361-363 d.C.). As epístolas que chegaram aos dias atuais são aquelas datadas a partir de 357 d.C. Temos acesso a um total de 73 cartas, a maioria ditada por ele para seus auxiliares administrativos diretos. Quando passagens dessas missivas são escritas pelo próprio Juliano, os copistas indicam os trechos nos manuscritos. Apesar de citarmos algumas epístolas por ele redigidas quando imperador, o cerne de nossa análise são aquelas de números 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17b e 19,<sup>1</sup> escritas ao longo de seus encargos como César.

Sobre os aspectos formais da escrita de uma carta na Antiguidade Tardia, Jean-Luc Fournet (2009) esclareceu que a orientação do papiro no século IV era predominantemente vertical em detrimento de seu formato horizontal, isto é, a escrita seguia o sentido das fibras do papiro, como se fossem as linhas de um caderno. O motivo seria que as cartas nesse século tendiam a se alongar devido às fórmulas de saudação e outras regras retóricas, que aproveitavam melhor esse tipo de formato. Conforme as fórmulas iam sendo suprimidas ou alteradas, as cartas dos séculos V, VI e VII d.C. passaram a ser escritas, progressivamente, em formato horizontal. De

acordo com nossos estudos, nenhuma das missivas de Juliano possui, por exemplo, uma regra de saudação específica, que era uma característica da epistolografia do século IV. Ademais, as regras para introdução, nomes do destinatário e do remetente desapareceram a partir do século V. No entanto, Juliano já não seguia essas regras, o que nos fez considerá-lo uma exceção no período em que viveu.

Observando o conteúdo das cartas, uma das recomendações presentes nos manuais de epistolografia da Antiguidade Tardia e que se encontra nas aqui analisadas, seriam as citações de grandes figuras do helenismo, como Homero. Contudo, salientamos que esse uso em nossa documentação não se resume a meras citações ou utilização de expressões sofisticadas características da literatura clássica como treino de retórica. Especificamente nas missivas que estudamos, isso seria uma consequência da influência da própria cultura grega no personagem central, principalmente se levarmos em conta suas escolhas filosófico-religiosas. Além disso, as citações literárias iam além de um exercício de retórica até mesmo para outras pessoas do século IV. Tratava-se de permitir que outros leitores se identificassem com seus escritos enquanto possuidores de uma mesma *paideia* (BOUFFARTIGUE, 1992).

Já Abraham J. Malherb (1988) afirmou que não se sabe até que ponto os exercícios concernentes à escrita da carta faziam parte do currículo escolar. Porém, é provável que modelos de cartas fossem utilizados para o ensino da epistolografia no estágio secundário da educação, do qual participavam meninos dos 12 aos 15 anos de idade. Outro ponto importante era o ensino gramatical, sendo que em dois manuais de gramática, escritos por Dionísio de Alexandria (séc. I d.C.) e Apolônio Díscolo (séc. II d.C.), o estudo da carta apareceu sob esse ponto de vista. Consequentemente, a preocupação principal ao longo desse estágio secundário seria o aprendizado da forma e da gramática na epistolografia. O estilo inseria-se ao final desse estágio, com uma possível introdução de exercícios preliminares de retórica pelo *grammaticus*.

A continuidade desse estudo no terceiro estágio de ensino teria como responsável o professor de retórica, focando no desenvolvimento dos diferentes estilos de cartas, ou seja, qual tipo utilizar em determinada situação, e não em como redigir o conteúdo da epístola. Logo, segundo Malherb (1988), é provável que os manuais de teoria epistolográfica, por ele traduzidos, tenham sido usados no treinamento de escritores de cartas profissionais, dos quais a maioria de funcionários públicos que deveriam saber os

estilos oficial e retórico das epístolas. Afirmamos que o Imperador Juliano conhecia as regras de tais manuais. Citamos a carta de número 197, escrita para o sofista Lúcio, que conforme Wilmer C. Wright, tradutora da edição da *Loeb Classical Library*, possui um estilo sofista comum entre os recomendados nos manuais do século IV: “Não apenas escrevo para ti, mas exijo receber pagamento em espécie. E se eu te maltrato escrevendo continuamente, peço que me maltrates de volta e me faças sofrer da mesma maneira” (JULIANO. *Carta* 197).

Por fim, ao mesmo tempo que conhecia as regras dos manuais, Juliano as burlava quando desejava. Mencionamos a carta de número 201, escrita para Himério, a respeito da morte da esposa deste:

*Além disso, se houvesse qualquer outro homem a quem eu tivesse que escrever sobre isso, eu certamente teria que usar mais palavras para lidar com esse assunto; por exemplo, eu deveria ter dito que tal evento é comum, que devemos nos submeter às necessidades, que nada é ganho por luto excessivo e eu deveria ter proferido todos os outros lugares comuns considerados apropriados para aliviar o sofrimento, isto é, se eu estivesse exortando alguém que não os conhecesse. (JULIANO. *Carta* 201)*

Quanto ao *Panegírico em honra ao imperador Constâncio II*, redigido em 356 d.C., quando Juliano já era César, faz-se necessário ressaltar algumas de suas características. De acordo com Roger Rees (2002, p. 9), a oratória epidítica, também chamada de oratória exemplar, subdividia-se em dois estilos: a inventiva e o panegírico. O primeiro era associado à censura, e o segundo, ao elogio. O gênero panegirista, no qual se insere o discurso escolhido para análise, transformou o exagero em uma forma de arte. Além disso, o documento é dotado de uma estrutura bajuladora, mediante a qual se empregavam regras retóricas recomendadas.

Shaun Tougher (2012, p. 19) comentou que as investigações que têm o panegírico como base documental, cresceram muito a partir da segunda metade do século XX. Isso porque eram vistos, até então, como meros exercícios de retórica. Concordamos com o autor quando comenta a respeito da influência de Libânio e Temístio na escrita dos panegíricos de Juliano. Como é de nosso conhecimento, os autores da Antiguidade Tardia trocavam seus discursos entre si, a fim de aprimorá-los. Evidenciamos a

*Carta 38*, escrita por Libânio para Juliano César, em que há uma referência às *Memórias* de Juliano das guerras na Gália, obra que o sofista teria lido e que não chegou às nossas mãos:

*A melhor notícia que ouvi foi aquela em que tu derrotaste os bárbaros e o resultado de tuas vitórias em forma de escrita, e tua revelação de ti mesmo como um verdadeiro orador e general. Aquiles precisava de um Homero, Alexandre, de muitos titãs, mas teus troféus serão lembrados pela eloquência de ti mesmo, que os redigiu. Tu superaste em muito os sofistas ao propor a eles não apenas tuas realizações como teu tópico, porém também a emulação do discurso que compuseste sobre as tuas realizações.* (LIBÂNIO. *Carta 38*)

Posteriormente, no período de Juliano imperador, ele escreveu a seguinte mensagem para Libânio: “Envia, pois, o teu discurso e os teus conselhos sagrados, e prontamente, através de Hermes e das Musas!” (JULIANO. *Carta 96*). Já na *Carta 97*, Juliano ainda diz que:

*Li quase todo o teu discurso ontem, antes do jantar; e depois de jantar, antes de ir repousar, terminei de lê-lo. Como tu és feliz por poder falar, ou melhor, por poder pensar assim! Que eloquência! Que espírito! Quanta inteligência! Que divisão! Que argumentos! Que ordem! Que recursos! Que elocução! Que harmonia! Que composição!* (JULIANO. *Carta 97*)

No que diz respeito ao panegírico, em geral, os autores desse tipo de discurso também seguiam manuais de retórica para compô-los. Uma dessas obras foi *Dois tratados de retórica epidítica*, de Menandro, o Retor, datada do século III d.C., segundo Fernando Gascó (1996). A estrutura indicada por Menandro seria a seguinte: proêmio ou a introdução do discurso; sobre a cidade natal do imperador, incluindo a descrição de seus ancestrais; nascimento do imperador; constituição física e formação educacional durante a sua juventude; descrição do caráter do imperador por intermédio de suas realizações pessoais administrativas e bélicas, sendo as ações em tempos de guerra associadas à coragem e à sabedoria, e as ações em tempos de paz ligadas à justiça e à temperança; descrição da fortuna do imperador; comparação de seu governo com os anteriores, sem depreciar esses últimos, porém, exaltando o presente; epílogo com uma análise do estado do Império;

oração religiosa de súplica para que o imperador vivesse muito e para que seus filhos e descendentes mantivessem a dinastia (MENANDRO, Dois tratados de retórica epidítica).

De acordo com Joseph Bidez (2003), Juliano seguia as regras desse manual, porém, não em sua totalidade. De fato, isso nos é perceptível. Juliano dá maior atenção para a *paideia*, cuja descrição só era recomendada por Menandro caso ela fosse muito distinta. Tal fato ocorria porque Juliano se considerava filósofo, embora também focasse no treinamento físico e na experiência militar prática de Constâncio II. Além disso, após falar sobre as qualidades pessoais do imperador, o discurso de Juliano diverge do modelo menandriano. Algumas características expostas no *Panegírico em honra ao Imperador Constâncio II*, a nosso ver, são próprias de Juliano. Percebemos que, em várias seções desse discurso, o César fala das façanhas de Constâncio II, mas seu objetivo é usá-las como exemplificação das virtudes que tal imperador possui. Menandro cita, no decorrer de seu manual, que as virtudes valorizadas deveriam ser a coragem, a sabedoria, a fortuna, a temperança e a humanidade. No discurso de Juliano, os feitos de Constâncio II não são analisados sob a ótica da coragem, a fortuna é brevemente citada, a sabedoria e a temperança, assim como a humanidade, somente aparecem na última seção.

O documento textual que falta aqui ser referenciado é a *Carta para Teomístio, o filósofo*. Há uma discussão quanto à sua datação, e Tougher (2012) afirma que ela poderia ter sido escrita na fase de Juliano César ou no início de seu governo como imperador. Os tradutores desse discurso por nós utilizado possuem opiniões divergentes. Para Wright, tradutora da edição britânica, a data da carta estaria próxima a 355 d.C.; já para Gabriel Rochefort, tradutor da edição francesa, e José García Blanco, tradutor da versão espanhola, ela teria sido escrita entre novembro e dezembro de 361 d.C. Concordamos com essa última datação, pois o seu conteúdo é muito claro no que tange às ideias governamentais e filosóficas de Juliano enquanto imperador, não condizentes com o dominato praticado por imperadores a ele anteriores. A seguir, discorreremos sobre a concepção de amizade de Juliano.

## **O conceito de amizade em Juliano**

Observamos que o imperador Juliano admitia, no ano de 362 d.C., a existência de dois tipos de amizade. Citamos, por exemplo, a carta de número 40:

*A verdadeira amizade funda-se, antes de tudo, na semelhança, depois, em menor medida, na admiração verdadeira e sincera, quando o homem favorecido pela fortuna ou pelo espírito dá o seu afeto a quem se distingue pela gentileza, reserva e moderação.*  
(JULIANO. Carta 40)

Por meio dessa passagem, elencamos as duas principais concepções de amizade que circulavam nesse período: a *philia* e a *amicitia*. A partir das obras de David Konstan (1997) e Craig A. Williams (2012), podemos relacionar algumas características de tais laços. Ambas as obras questionaram a ideia, que prevaleceu durante décadas na historiografia, de que a amizade era baseada nos interesses e vantagens que pudessem ser obtidos por intermédio dela. Há ainda uma longa discussão sobre a patronagem enquanto relação de interesse ou de amizade. Concordamos com Williams, para quem os atos de patronagem não excluem vínculos amicais. Afinal, a presença do patrocínio não elimina a possibilidade de uma relação de admiração mútua. Diante disso, podemos conceber a patronagem como uma consequência dos laços de amizade, levando em consideração que o princípio ou a manutenção de tais associações não tinha por égide o interesse pessoal.

Em vista disso, compreendemos a amizade como um laço afetivo e recíproco. Tratando-se de uma escolha pessoal, tal elo não era inato ou atribuído, fosse por parentesco ou por sentimentos comunitários. Tanto na *philia* quanto na *amicitia* as principais qualidades de um amigo – afeição, benevolência, lealdade, franqueza – são muito parecidas. Porém, a *philia* possui uma premissa de equidade, mediante a qual o que permite o desenvolvimento de um laço amical são as qualidades e virtudes dos indivíduos em questão. Todavia, a *amicitia* não possuía essa exigência. Sumariamente, a partir do primeiro tipo de amizade descrito por Juliano na carta supracitada, que associamos à ideia de *philia*, notamos a existência de uma premissa de igualdade entre os amigos. Já no segundo tipo descrito pelo imperador, que relacionamos com a *amicitia*, o fundamento desse elo é a admiração verdadeira, o que não significa, necessariamente, que se trate apenas de interesse ou/e vantagem a serem adquiridos. Isso posto, esse tipo de amizade não se resumia à patronagem, apesar desse poder existir. Por esse motivo, consideramos o segundo tipo descrito como basilar em termos de governabilidade, fundamentalmente pelo fato de Juliano lidar constantemente com pessoas de *status* menores que o seu.

Pensando na *paideia* do século IV, e na grande influência que exerceu no pensamento de Juliano, sabemos que ela tinha por objetivo a formação de pessoas que estariam destinadas a ocupar importantes cargos no Império. Ela servia como demonstração de conhecimento e força, focando principalmente o estudo da retórica. Fazia parte de seus ensinamentos o uso de autores clássicos gregos, através de escritos literários, históricos ou filosóficos, como os de Homero, Hesíodo, Platão e Aristóteles, além de manuais de retórica. Esses estudos eram voltados para a formação de pessoas capazes de elaborar discursos convincentes (CARVALHO, 2010). Consequentemente, afirmamos que Juliano teve acesso ao conceito de *philia* por meio dos estudos gregos. Já em relação ao conceito romano de *amicitia*, não podemos afirmar que teve contato direto com os teóricos desse tópico, tais como Cícero ou Virgílio. Mesmo que soubesse o latim, afinal de contas, ela era a língua predominante na região da Gália, local onde atuou como César, Juliano, de acordo com Paul Allard (1901), por exemplo, não teria lido as principais obras latinas estudadas no período, uma vez que, em momento algum, citou em seus escritos qualquer autor latino.

No entanto, não podemos descartar o conceito de *amicitia* e simplesmente nos contentar em dizer que a amizade para o imperador Juliano se baseava apenas na *philia*. Mesmo que não tenha lido os autores latinos estudados no período, ele não deixava de ser um romano e convivia em sociedade com outros romanos que praticavam a *amicitia*. Ademais, o Império Romano não era uma democracia, portanto, algumas particularidades da concepção latina auxiliavam-no na maneira como se relacionava com os diversos setores dessa sociedade. De maneira geral, acerca do conceito de *philia*, Juliano teria tido acesso às diferentes características que esta teria tomado: durante o Período Homérico, por meio das leituras da *Iliada* e da *Odisseia*; ao longo do período da Antiguidade Clássica, por intermédio das leituras de Platão e Aristóteles; do Período Helenístico, pelo seu interesse por Alexandre, o Grande, que era uma das pessoas nas quais se inspirava.

No caso de Juliano, aqueles considerados como seus pares e que remetem ao primeiro conceito de amizade, seriam os filósofos, os sofistas e os retóricos. Citamos as cartas de nossa seleção em que Juliano escreve para essas pessoas: 4, 8, 12, 13, 11. É interessante ressaltar que o vocativo *adelphè*, que poderíamos traduzir como “irmão”, só foi utilizado no tipo de relação em que Juliano considerava seu destinatário como igual. Assim, eram empregados, em conjunto, os termos *potheinótate* e *philikótate*, com conotações de “ama-

do” e “querido”. De acordo com Williams (2012), chamar alguém de irmão era uma maneira de dar maior prestígio a esse indivíduo, clara influência da *amicitia*. De mais a mais, foram muitas as cartas nas quais ele convidou esses amigos para visitá-lo pessoalmente, como na *Carta 9*, escrita para Alípio:<sup>2</sup> “venha encontrar o amigo que, antigamente, antes mesmo de saber o teu valor, já te cercava com seu afeto” (JULIAN. *Carta 9*).

Outra particularidade das relações mantidas por Juliano era o ato de presentear um amigo, como na *Carta 4*, escrita para o retor Evágrio:

*Tenho uma pequena propriedade de quatro terras, que minha avó me deu, na Bitínia. Dou-a para ti como um presente à tua amizade. É muito pouco para dar a um homem as vantagens da abundância e a pompa da riqueza, mas tu verás que este presente está longe de carecer de aprovação, se eu o descrever em detalhes.* (JULIANO. *Carta 4*)

Entretanto, precisamos compreender que, enquanto César e imperador, Juliano não poderia apenas se comunicar e manter vínculo de amizade com aqueles que considerava seus pares, quer dizer, com pessoas cujas virtudes fossem parecidas com aquelas por ele valorizadas: justiça, gentileza, bondade, humanidade e moderação. Refletindo acerca da relação que Juliano precisava manter com os diversos setores da sociedade romana, é que percebemos a maior influência da *amicitia*. Essa concepção traz uma ideia ausente na *philia*. Enquanto esta pressupunha apenas relações de equidade, se pensarmos na concepção da Antiguidade Clássica associada à democracia ateniense, a *amicitia* trazia uma noção de estratificação que se adequava à política do Império e às relações de patronagem do período. Por isso, quando Juliano se dirigia à população romana ou lidava com as elites, não poderia levar apenas em consideração uma relação de equidade, e demonstrava, talvez, miscelânea entre *philia* e *amicitia* em seu conceito de amizade.

Quanto às virtudes valorizadas por ele, algumas daquelas associadas aos seus ideais de *princeps* estão presentes, por exemplo, na carta de número 20: *epieikeia* (justiça); *philanthrōpia* (filantropia); *khrēstótēs* (benevolência). Em síntese, elas coincidem com seu ideal de bom governante, filósofo ou cidadão. Podemos resumir essas qualidades em: moderação, honestidade em contraste com bajulação, lealdade, justiça, capacidade de uso da persuasão em detrimento da violência e, principalmente, a prática da filantropia. Veremos como se dava o uso de tais virtudes, pragmaticamente, nas relações que Juliano manteve com as suas tropas militares na região da Gália.

## **Juliano César e suas tropas militares: um entrelaçamento original**

Começamos pelos acontecimentos que antecederam o cesarato de Juliano. Conforme Arnaldo Marcone (2019), houve a ação de vários usurpadores contra o governo imperial, como Magnêncio e Silvano. Além disso, Constâncio II enfrentava inimigos em diferentes fronteiras do Império. Ao mesmo tempo que combatia francos e alamanos na Gália, via-se ocupado com a ameaça persa na extremidade oposta do território romano. Depois de condenar Galo, meio-irmão de Juliano, por traição, Constâncio II necessitava de alguém que ele pudesse controlar para defender a Gália. Sem ter herdeiros, o imperador não teve outra opção a não ser proclamar seu primo, Juliano, como César. Naquele momento, Juliano se viu passando de uma vida contemplativa para uma vida ativa, muito diferente daquela a que estava acostumado. Ademais, a relação entre Constâncio II e o César era de subordinação e constante vigilância por parte do imperador.

O primeiro ano de Juliano na Gália foi marcado por uma sequência de ataques dos alamanos (confederação de tribos germânicas), governados por diversos príncipes constantemente em guerra entre si. Essas tribos se estabeleceram próximas do Danúbio e do Reno e tinham por hábito assaltar as cidades romanas e saqueá-las, apesar de evitar ocupá-las permanentemente (MARCONE, 2019, p. 83-87). Segundo Peter Heather (2020, p. 64), Juliano realizou seis campanhas na região da Gália, quatro delas de grande porte e outras duas consideravelmente menores. Até meados de 356 d.C., ele teve a companhia de Constâncio II como seu superior, mas pouco sabemos sobre essa fase. Temos notícias por meio de Amiano Marcelino, e, em relação à documentação do próprio Juliano, só temos acesso àquelas escritas a partir de 357 d.C. Por conseguinte, no início de seu cesarato, Juliano teve contato com um breve treinamento militar durante a estada de Constâncio II na Gália.

A princípio, Juliano não tinha motivos para escrever um panegírico dedicado ao seu primo, já que, como afirma Heather (2020, p. 89), a razão que o fez ter sido nomeado César foi manter o poder na mesma dinastia com a pessoa que possuía a menor rede de sociabilidades possível. Dessa forma, caso tentasse uma usurpação, Juliano não teria força ou apoio político. Outrossim, suas funções foram extremamente limitadas e a administração e o comando do exército da Gália delegados a homens da confiança de

Constâncio II. Além disso, Juliano não obteve as coroas de ouro que lhe permitiria comprar apoio militar. Quando de sua aclamação como Augusto, em 361 d.C., as vitórias militares de Juliano o legitimavam como tal, na medida em que representavam o apoio divino à sua ascensão. Os soldados tinham interesse na aclamação de Juliano, porque, enquanto Augusto, ele poderia realizar doações de ouro para as suas tropas, controlar promoções e distribuir recompensas. Com a confiança das tropas militares e dos funcionários da burocracia imperial, ele minou, aos poucos, o controle que Constâncio II exercia na região por meio de seus funcionários de confiança.

Para Marinela Casella (2009, p. 106), as vitórias favoreceram as ações de Juliano, e a sua presença na Gália representou a personificação de um bom militar e administrador. O César realizou reformas fiscais e amenizou impostos, despertou a força de um território em crise e restringiu a influência do poder imperial no local. Apesar de sua inexperiência militar quando chegou nessa região, deduzimos que Juliano aprendeu rapidamente a guerrear, tendo uma série de vitórias, cujo auge foi a batalha de Estrasburgo, em 357 d.C. Na *Carta 14*, escrita para Oribásio de Pérgamo, seu amigo e médico pessoal, podemos observar quais as funções administrativas que o César pensava ser de sua responsabilidade, a partir do local onde seu deus, Mitra, o pusera para lutar em favor dos pobres e oprimidos:

*Quanto às minhas relações com ele [Florêncio], eles sabem que muitas vezes, embora ele tenha ofendido os provincianos, calei-me à custa da minha dignidade, ignorando certas acusações, recusando-me a aceitar outras, às vezes novamente me mostrando incrédulo, às vezes até jogando a responsabilidade sobre aqueles ao seu redor. Mas quando ele fingiu me envolver neste caso escandaloso, enviando um livro de memórias [para Constâncio II] tão vil quanto ignóbil, o que eu deveria fazer? Ficar em silêncio ou entrar na luta? A primeira opção teria sido, em minha opinião, estúpida, degradante, odiada pelos deuses; a outra, por outro lado, era justa, viril, generosa, mas proibida pelas dificuldades em que estávamos envolvidos. O que eu fiz? Na presença de um grande número de pessoas que eu conhecia, tinha que denunciá-lo: “De qualquer forma e com certeza”, disse eu, “ele vai corrigir o seu relato: o atrevimento é muito grande”. Informado do que eu havia dito, nosso homem estava tão longe de impor qualquer reserva a*

*si mesmo que agiu, deus é minha testemunha, como um tirano, por mais moderado que fosse, o que não teria ousado fazer se eu estivesse perto dele. O que então deveria fazer um homem fiel aos preceitos de Platão e Aristóteles? Tolerar os infelizes entregues aos ladrões, ou defendê-los com todas as suas forças, quando, creio, já cantavam o canto do cisne por causa das manobras desse maldito bando de patifes? Quanto a mim, eu me consideraria desonrado se, condenando os oficiais culpados de deserção perante o inimigo a serem pegos em armas no local e a ser privados de sepultamentos, eu então abandonasse minha posição quando se trata de proteger os infelizes contra tais bandidos, e isso apesar da aliança do próprio deus a quem devo a posição em que estou. E se algum infortúnio me resultasse, não seria um pequeno consolo ter uma boa consciência na hora da grande viagem. (JULIANO. Carta 14)*

O sentimento de justiça e filantropia que Juliano expressa na *Carta 14* também pode ser observado no *Panegírico em honra ao imperador Constâncio II*, redigido dois anos antes do conflito entre o César e o prefeito Florêncio, homem de confiança do imperador. Apesar de todos os problemas ocorridos entre Juliano e Constâncio II, no decorrer da infância, adolescência e fase adulta do primeiro, ao se tornar César de seu primo, Juliano se viu na obrigação de escrever um panegírico para ele. Era uma prática oficial, porém, somos da opinião de que, mesmo sendo um discurso elogioso, nosso personagem transmite suas ideias neoplatônicas e, em vários momentos, projeta seus ideais mais íntimos. Talvez, seus ideais mais virtuosos, como o sentimento de amizade, fruto de sua visão diferente das de outros imperadores de sua época. Em vez de ver os habitantes do Império Romano como súditos, via-os como cidadãos. Pouco se sabe acerca de suas ações como um comandante militar no período de César. Se seguirmos a hipótese de que Juliano se espelhou no panegírico em questão, não é difícil compreender por que ele ganhou a confiança dos soldados e obteve a vitória em Estrasburgo.

Para além disso, na *Carta para Temístio, o filósofo*, escrita entre novembro e dezembro de 361 d.C., Juliano, já imperador, revelou os alicerces de seu pensamento político-filosófico. O Império Romano seria formado por cidadãos e não por súditos. Dessa forma, ele não poderia estar acima das leis e nem ser a encarnação delas:

*Este julgamento [de Aristóteles] parece-me eminentemente concordar com o de Platão, em primeiro lugar porque o governante deve ser melhor do que o governado, depois, ele deve ganhar não só pelo seu modo de vida, mas também pela sua natureza – o que é difícil de encontrar entre os homens –, em terceiro lugar, porque é necessário por todos os meios ao seu alcance cumprir as leis que não devem sua instituição ao imprevisto, nem seu estabelecimento, como se apresenta hoje, a homens que nem sempre viveram de acordo com a razão, mas sim que são o trabalho de um homem com uma mente e alma purificadas, legislando independentemente das injustiças presentes ou contingências imediatas; por um homem assim, que aprofundou a natureza do governo e que viu a natureza da justiça como a natureza da injustiça, que transpõe, tanto quanto possível, do absoluto para o concreto e que institui as leis comuns a todos os cidadãos, nem amizade, nem inimizade, nem relações de vizinhança, nem laços de família são objetos de consideração. (JULIANO. Carta para Temístio, o filósofo, 260d-261d)*

Esse ideal de bom governante e as virtudes valorizadas por Juliano podem ser encontrados em seu *Panegírico em honra ao imperador Constâncio II*, como na passagem abaixo, na qual nosso personagem realça as qualidades, que dependem exclusivamente de Constâncio II, em detrimento dos seus feitos, pois estes últimos não dependeriam somente dele:

*Seus autores [dos panegíricos anteriormente dedicados a Constâncio II], de fato, limitam-se ao relato de tuas ações, convencidos de que basta citá-las para compor um panegírico perfeito. Mas, em minha opinião, é melhor que meu discurso se concentre principalmente nas virtudes que foram a causa dos teus sucessos eminentes. Pois na maioria das façanhas, senão em todas, a fortuna, os guarda-costas, as falanges dos soldados, as fileiras de cavaleiros e a infantaria contribuem para a vitória, enquanto os atos virtuosos são trabalho exclusivo de seu autor, e o elogio ligado a essas virtudes constitui um verdadeiro elogio. Estabelecidas claramente essas distinções, começo o meu discurso. (JULIANO. Panegírico em honra ao imperador Constâncio, II, 5a e 5b)*

Fica-nos claro que, assim como Constâncio II observou seu pai, Constantino, em batalhas, Juliano igualmente se fez um militar ao assistir às ações de Constâncio II na Gália, entre o final de 355 d.C. e meados de 356 d.C.:

*Querendo fazer-te adquirir sem perigo a experiência da guerra, teu pai teve como uma política hábil exercer a manutenção da paz entre seus súditos e as tribos bárbaras, então semeadas de conflitos internos e sedições. Desse modo, foi observando as calamidades e os perigos pessoais de nossos inimigos que ele te ensinou a arte da guerra, um meio menos perigoso do que o do sábio Platão. Com efeito, se o exército inimigo avança a pé, os filhos espectadores do combate poderão, se necessário, tomar parte nas façanhas de seus pais; mas se o inimigo vencer pela cavalaria, será necessário imaginar um meio de salvação muito difícil de encontrar para esses jovens. Pelo contrário, acostumar as crianças a enfrentar o inimigo vendo o perigo alheio é proporcionar, em minha opinião, o suficiente para a educação de que precisa e para a sua segurança. É assim que tu aprendeste a ter coragem; para adquirir prudência, tu encontraste em tua própria natureza um guia suficiente; mas, ao mesmo tempo, se não me engano, tu recebeste lições de política de nossos cidadãos mais hábeis, e tuas relações com os chefes bárbaros dessas regiões deram-te a experiência sobre as maneiras, as leis e os costumes de territórios estrangeiros. (JULIANO. Panegírico em honra ao imperador Constâncio, II, 12a-12d)*

No próximo excerto, o César se remete ao início da carreira de Constâncio II como um general, salientando os problemas que ele encontrara ao assumir as tropas de um líder anterior. Essas dificuldades transparecem nas mesmas sentidas por Juliano quando se viu diante das tropas militares como um César despreparado:

*Mas aqui, além das próprias dificuldades da campanha, há o motim dos exércitos, irritados com a mudança, lamentando seu ex-líder, pedindo por ele novamente com gritos e clamando por suas ordens. E, então, mil outras conjunturas desconcertantes e difíceis acontecem por todos os lados e tornam as expectativas da empresa mais incertas. (JULIANO. Panegírico em honra ao imperador Constâncio, II, 18c e 18d)*

A passagem abaixo mostra um dos pensamentos mais importantes de Juliano sobre como deveria ser um governante. Tal convicção é apresentada ao longo de todos os seus escritos, tanto em seus encargos de César quanto como imperador:

*E quem te viu deprimido antes da vitória, ou exultante depois de ter triunfado? Bastará louvar-te dignamente para te proclamar ao mesmo tempo orador; chefe do exército, excelente Imperador e valente soldado? Por muito tempo, o corpo bélico estava dividido e tu soubeste uni-lo novamente; rival, ao meu gosto, de um Ulisses, de um Nestor e daqueles generais romanos conquistadores de Cartago que sempre se revelaram mais formidáveis na tribuna das injustiças do que nos inimigos da batalha campal. (JULIANO. Panegírico em honra ao Imperador Constâncio, II, 32b e 32c)*

No final de seu cesarato, Juliano relata um sonho a Oribásio:

*Sonhei que, plantada em um vasto triclinio, uma árvore muito alta se inclinava para o chão. De suas raízes surgiu outro broto, ainda pequeno e jovem, e todo florido. Eu estava cheio de angústia, temendo que aquela planta frágil fosse arrancada com a grande. No entanto, quando estava bem perto, vi a grande árvore esticada no chão, enquanto a pequena permanecia de pé, mas se erguia do chão. Diante disso, minha ansiedade redobrou: “que pena para esta linda árvore!”, eu disse, “sua própria descendência está em perigo de morrer”. Então, alguém completamente desconhecido me disse: “dá uma boa olhada e recupera-te. Como a raiz permanece no solo, o pequeno broto sobrevive intacto e só ficará mais forte”. (JULIANO. Carta 14)*

Interpretamos esse extrato como preâmbulo de um plano em formação: o de se tornar Augusto, após ter adquirido a confiança de suas tropas e a aliança com os funcionários administrativos da Gália. Na *Carta 17b*, citada a seguir,, o César relata para Constâncio II a sublevação dos soldados que o proclamaram Augusto. Destarte, o exército romano da Gália, repleto de diversidades, uniu-se através dos laços de amizade entre seu comandante e as tropas. Se no *Panegírico em honra ao imperador Constâncio II* o imperador é descrito como um excelente comandante que se preocupa com seus

soldados, nesta epístola Juliano critica o primo justamente por não cuidar de seus subordinados:

*Nomeado César por ti e lançado no meio do horrível estrondo das batalhas, contentando-me com o poder que me foi delegado, e enviando-te, como um servidor fiel, relatos frequentes de sucessos que se sucederam à vontade, eu cansei teus ouvidos, sem nunca, entretanto, atribuir nada à minha coragem diante dos perigos; e, contudo, inúmeros exemplos o atestam, durante as operações em que os germânicos foram derrotados e dispersados por todos os lados, sempre fui o primeiro a lutar, sempre fui o último a buscar descanso. Mas – digo-o sem ofender-te – se, na tua opinião, há uma revolução acontecendo hoje, é porque o soldado, consumindo inutilmente sua vida em meio a guerras frequentes e duras, acabou realizando um projeto antigo; ele estremeceu de impaciência por ter apenas um subordinado como chefe e por se ver diante de um César impotente para recompensar seus suores prolongados e suas vitórias incessantes. A essa cólera dos soldados, que não obtiveram adiantamento nem salário anual, foi acrescentada inesperadamente uma nova queixa: a ordem de partir para as longínquas regiões do Oriente, habituados a um clima glacial, aqueles a quem vamos separar de seus filhos e suas esposas e para permanecerem lá, pobres e nus. Com uma exasperação que nunca havíamos visto antes, à noite, eles se reuniram e sitiaram o palácio, saudando Juliano Augusto com seus gritos repetidos. Fui tomado de horror, confesso; eu fiquei longe; enquanto pude, recuei, buscando salvação em silêncio e retiro. Então, como não me foi concedida nenhuma trégua, dei um passo à frente, tendo que me proteger, se assim posso dizer, com o único baluarte do meu peito desarmado, e me mostrei ao olhar de todos, acreditando acalmar o tumulto com minha autoridade ou com algumas palavras conciliatórias. Seus espíritos se aqueceram de maneira extraordinária. Eles chegaram a tal ponto que, ao me ver tentando superar sua teimosia com minhas orações, agrediram-me de perto e ameaçaram-me de morte. Enfim derrotado, e dizendo a mim mesmo que, se eu morresse, outro talvez se dispusesse a se deixar proclamar Imperador em meu lugar, desisti, na esperança de apaziguar a violência armada. (JULIANO. Carta 17b)*

Autores como Heather (2020) indicaram que Juliano, portanto, seria um usurpador do governo de Constâncio II. Nossa opinião diverge dessa historiografia, porque o César pertencia à dinastia constantiniana e era um herdeiro natural do Império, visto que seu primo não possuía filhos. Juliano escreveu um panegírico cujas finalidades não eram exatamente as de um discurso elogioso, como observamos nas críticas sutis presentes ao longo desse encômio. Tanto Tougher (2012) quanto Bidez (2003) afirmaram existir um limite para a bajulação de Juliano em relação a Constâncio II. O César ainda poderia ter escrito esse texto para diferentes públicos alvos que o interpretariam de formas distintas.

### **Considerações finais**

Especialmente com a vitória de Estrasburgo, em 357 d.C., os escritos de Juliano sofreram mudanças significativas. Ele passou a abandonar os exercícios de retórica, convencionais de sua juventude, e começou a redigir textos de caráter pessoal, religioso, ideológico e político, explicitamente perceptíveis em seus escritos enquanto imperador. É notório, no *Panegírico em honra ao imperador Constâncio II*, a importância que Juliano atribuiu à educação recebida por seu primo. Por meio dela, teria desenvolvido as virtudes que lhe permitiam ser um bom governante. Relembramos que essas virtudes eram aquelas valorizadas pelo César e que, ao enaltecê-las mais do que a temática da ancestralidade em comum que possuíam, Juliano divergia do manual de retórica epidítica de Menandro, o Retor. Logo, é plausível pensarmos o quanto o César prezava seus sentimentos e suas emoções, estabelecendo laços de amizade não apenas com seus amigos pessoais, mas, como uma conduta político-governamental, com os âmbitos administrativo e militar. Tal como Juliano apreciava seus vínculos amicais, temos aquele que sempre lutou para transmitir o valor da História Antiga em nosso país. Obrigada, Norberto Luiz Guarinello. Agradecemos a você, com admiração, estima e amizade.

### **Documentação escrita**

AMMIEN MARCELLIN. *Livres XIV – XVI*. Trad. Edouard Galletier. Paris: Les Belles Lettres, 1968.

JULIANO. *Contra los Galileos*. Cartas y fragmentos. Testimonios. Leyes.

Trad. José García Blanco/Pilar Jiménez Gazapo. Madrid: Editorial Gredos, 1982a. (Biblioteca Clásica Gredos, 47).

\_\_\_\_\_. *Discursos I – V*. Trad. José García Blanco. Madrid: Editorial Gredos, 1979. (Biblioteca Clásica Gredos, 17).

\_\_\_\_\_. *Discursos VI – XII*. Trad. José García Blanco. Madrid: Editorial Gredos, 1982b. (Biblioteca Clásica Gredos, 45).

\_\_\_\_\_. *Letters*. Epigrams. Against the Galilaeans. Fragments. Trad. W. C. Wright. (Loeb Classical Library, 157). Cambridge: Harvard University Press, 1913a.

\_\_\_\_\_. *Orations I – V*. Trad. W. C. Wright. Cambridge: Harvard University Press, 1913b. (Loeb Classical Library, 13).

\_\_\_\_\_. *Orations V – VIII*. Letters to Themistius. To the Senate and people of Athens. To a Priest. The Caesars. Misopogon. Trad. W. C. Wright. Cambridge: Harvard University Press, 1923. (Loeb Classical Library, 29).

\_\_\_\_\_. *Discours de Julien César (I – V)*. Trad. Joseph Bidez. Paris: Les Belles Lettres, 2003a. t. 1, p. 1.

\_\_\_\_\_. *Discours de Julien Empereur (VI – IX)*. A Thémistius. Contre Héracléios le Cynique. Sur la Mère des Dieux. Contre les Cyniques ignorants. Trad. Gabriel Rochefort. Paris: Les Belles Lettres, 2003b. t. 1, p. 1.

\_\_\_\_\_. *Lettres et fragments*. Trad. Joseph Bidez. 5. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2004. t. 1, p. 2.

\_\_\_\_\_. *Discours de Julien Empereur (X – XII)*. Les Césars. Sur Hélios-Roi. Le Misopogon. Trad. Christian Lacombrade. 2 ed. Paris: Les Belles Lettres, 2003c. t. 2, p. 2.

LIBANIUS. *Autobiography. Letters 1 – 50*. Trad. Albert Francis Norman. Oxford: Harvard University Press, 1992. (Loeb Classical Library, 478).

MENANDRO EL RÉTOR. *Dos tratados de retórica epidíctica*. Introducción de Fernando Gascó. Trad. Manuel García García/Joaquín Gutiérrez Calderón. Madrid: Editorial Gredos, 1996. (Biblioteca Clásica Gredos, 225).

## Referências bibliográficas

ALLARD, Paul. L'expédition de Julien contre Constance. *Revue des questions historiques*. Paris, v. 69, p. 409-455, 1901.

BIDEZ, Joseph. Introductions et notes. In: JULIEN. *Discours de Julien César (I – V)*. Trad. Joseph Bidez. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

- \_\_\_\_\_. Introductions et notes. In: JULIEN. *Lettres et fragments*. Trad. Joseph Bidez. Paris: Les Belles Lettres, 2004. t. 1, p. 2.
- CARVALHO, Margarida Maria de. *Paideia e retórica no séc. IV d.C.: a construção da imagem do Imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno*. São Paulo: Annablume, 2010.
- CASELLA, Marinela. Julien: les années parisiennes. *Antiquité Tardive*, Paris, v. 17, p. 91-107, 2009.
- FOURNET, Jean-Luc. Esquisse d'une anatomie de la lettre antique tardive d'après le papyrus. In: DELMAIRE, Roland; DESMULLIEZ, Janine; GATIER, Pierre-Louis (orgs.). *Correspondances: documents pour l'histoire de l'Antiquité Tardive*. Actes du colloque international, Université Charles-de-Gaulle-Lille 3, 20-22 novembre 2003. Lyon, 2009, p. 23-66.
- GARCÍA BLANCO, José. Introducciones y notas. In: JULIANO. *Discursos I – V*. Trad. José García Blanco. Madrid: Editorial Gredos, 1979. (Biblioteca Clásica Gredos, 17).
- GASCÓ, Fernando. Introducción. In: MENANDRO EL RÉTOR. *Dos tratados de retórica epidíctica*. Trad. Manuel García García/Joaquín Gutiérrez Calderón. Madrid: Editorial Gredos, 1996, p. 7-70. (Biblioteca Clásica Gredos, 225).
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória Coletiva e História Científica. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 180-193, 1994.
- \_\_\_\_\_. Ordem, Integração e Fronteiras no Império Romano. Um ensaio. *Mare nostrum*, São Paulo, v. 01, p. 113-127, 2010.
- HEATHER, Peter J. The Gallic Wars of Julian Caesar. In: REBENICH, Stefan; WIEMER, Hans-Ulrich (eds.). *A Companion to Julian the Apostate*. Leiden/Boston: Brill, 2020, p. 64-96. (Brill's Companions to the Byzantine World, v. 5).
- KONSTAN, David. *Friendship in the Classical World*. New York: Cambridge, 1997.
- MALHERBE, Abraham J. *Ancient epistolary theorists*. Atlanta: Scholars, 1988.
- MARCONI, Arnaldo. *Giuliano. L'Imperatore filosofo e sacerdote che tentò la restaurazione del paganesimo*. Roma: Salerno Editrice, 2019.
- REES, Roger. *Layers of Loyalty in Latin Panegyric AD 289-307*. Oxford: University Press, 2002.
- ROCHEFORT, Gabriel. Introductions et notes. In: JULIEN. *Discours de Julien Empereur (VI – IX)*. A Thémistius. Contre Héracléios le Cynique. Sur la Mère des Dieux. Contre les Cyniques ignorants. Trad. Gabriel Rochefort. Paris: Les Belles Lettres, 2003b. t. 2, p. 1.

TOUGHER, Shaun. Reading between the lines: Julian's First Panegyric on Constantius II. In: BAKER-BRIAN, Nicholas; TOUGHER, Shaun (eds.). *Emperor and author: the writings of Julian the Apostate*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2012, p. 19-34.

WILLIAMS, Craig A. *Reading roman friendship*. New York: Cambridge, 2012.

## **Notas**

---

<sup>1</sup> Seguiremos, neste artigo, a classificação das missivas realizada por Bidez-Cumont.

<sup>2</sup> Letrado, interessado em ciência e poesia, publicamente assumido como helênico. Visitou o César enquanto este esteve na Gália. Desempenhou funções administrativas nessa região, quando Juliano era César, como vicário da Bretanha. Foi encarregado por Juliano, enquanto imperador, da reconstrução do templo de Jerusalém. Posteriormente, Alípio foi acusado de magia e condenado ao exílio por Valente I.